

RELATÓRIO BRASILEIRO PARA A FASE CONTINENTAL “Por uma Igreja Sinodal: Comunhão, Participação e Missão”

INTRODUÇÃO

1. A fim de responder ao convite do processo sinodal iniciado em 2021, as dioceses brasileiras organizaram um novo movimento de escuta que preparou a realização da **fase continental**. O entusiasmo e o comprometimento testemunhados pelas dioceses de todo o Brasil na fase diocesana verificaram-se agora também no novo convite para que cada Igreja Particular oferecesse sua contribuição à fase continental. 183 novas sínteses diocesanas foram recebidas por intermédio do formulário eletrônico disponibilizado pela Equipe Nacional do Sínodo. Essas sínteses expressam o rosto da Igreja no Brasil, que acolhe o processo sinodal como oportuno e fecundo momento para renovar a comunhão, efetivar uma verdadeira participação e realizar com fidelidade a missão da Igreja.
2. Após a primeira fase do processo sinodal, aquela que se realizou entre outubro de 2021 e julho de 2022, a Equipe Nacional do Sínodo reuniu todas as contribuições recebidas e produziu uma primeira síntese nacional, enviada à Secretaria Geral do Sínodo em agosto de 2022. A partir da leitura atenta das sínteses recebidas de diferentes Conferências Episcopais, Igrejas Orientais, organismos e dicastérios, a referida Secretaria elaborou o Documento para a Etapa Continental (DEC). Recebemos com surpresa a proposta de que o DEC não apenas subsidiasse as reuniões continentais, mas retornasse às Igrejas Particulares para, de lá, motivar as assembleias da segunda fase do Sínodo. Eis o exemplo de uma sinodalidade integradora e cíclica.
3. As dioceses brasileiras responderam bem a esse novo momento de escuta, motivada especialmente pelas três questões apresentadas pelo DEC. Novamente, a Equipe Nacional do Sínodo elaborou uma síntese, apresentada nas próximas páginas. Esse novo texto precisa estar na mente e no coração daqueles que, como delegados brasileiros, representarão todo o Brasil na Assembleia do Cone Sul, que acontecerá em Brasília (DF), de 06 a 10 de março de 2023. Nós da Equipe Nacional de Animação do Sínodo, desejamos boa leitura e que, à escuta do que o Espírito diz às Igrejas (cf. Ap 2,7), saibamos alargar o espaço das nossas tendas, esticar nossas cordas e fincar bem nossas estacas (cf. Is 54,2).

QUESTÃO 1

Depois de ter lido o DEC em ambiente de oração, quais intuições ecoam, de modo mais intenso, com as experiências e as realidades concretas da Igreja do vosso continente? Quais as experiências vos parecem novas ou iluminadoras?

4. Diante de tudo que recebemos, cremos que intuições, experiências novas e iluminadoras se identificam. Por isso, aqui as apresentamos como um todo, a partir do que ouvimos.
5. Se esta síntese fosse feita com apenas uma palavra, não seria difícil encontrá-la: *escuta*. O que nos parece novo e inspirador é a alegria que todos manifestaram ao acolher a proposta do sínodo. Essa escuta não foi, para o povo de Deus, uma carga, mas uma explosão de alegria, decorrente da possibilidade de participar e ser lembrado, já que, para muitos, havia a sensação de que suas opiniões não eram tão relevantes no mundo eclesial. O sínodo caiu, no mundo dos leigos e leigas, como um oceano a ser explorado e valorizado e, por isso, a partir de agora, não deve ser só um momento, mas uma prática da Igreja.
6. “Vemos o resultado do processo de consulta do processo sinodal que começa num jovem lá na periferia, num presídio ou num de nossos seminários”, aponta um dos relatos. A síntese do Sínodo é simples: estamos aprendendo a caminhar juntos e a sentarmo-nos juntos para partir o único pão, de modo que cada um possa encontrar o seu lugar. Todos são chamados a tomar parte neste caminho e existem algumas experiências/intuições que nos iluminam:

Palavra de Deus

7. “*A Sinodalidade nasce da escuta discipular da Palavra de Deus, quer em formato programático, quer em formato paradigmático*”. Ponto de partida e força para o trajeto, a Palavra de Deus é ressaltada como uma experiência iluminadora.

Diálogo e participação

8. “*Quando cada indivíduo compreende que ele tem um lugar reservado e é considerado na Igreja, aí ele se motiva para colaborar na Igreja com alegria e perseverança*”. Já não é mais possível pensar a Igreja sem considerar a urgência do diálogo e da participação de todos e todas. O Sínodo tem reforçado o sentimento de pertença à Igreja e a tomada de consciência de que ela não está restrita aos sacerdotes e bispos. Os Conselhos paroquiais, comunitários e diocesanos, bem como as assembleias e outros momentos de participação ganharam importante destaque neste processo da escuta

sinodal, firmando-se como espaços fundamentais de protagonismo da comunidade, onde se manifesta claramente o espírito da sinodalidade. Tudo isso gera a necessidade de uma transparência cada vez maior da Igreja no que diz respeito aos seus processos, à sua administração e, sobretudo, em relação aos casos de abuso. O reconhecimento da importância das mulheres na vida da Igreja, não apenas por serem a maioria dos fiéis praticantes, mas, sobretudo, pela sua presença ativa e perseverante, é percepção constante nas contribuições recebidas das dioceses. Isso torna urgente repensar e valorizar sua participação nas estruturas e nas tomadas de decisões nas comunidades.

Uma Igreja em permanente saída

9. *“Ser uma Igreja em saída, que alcance as periferias geográficas e existenciais com a luz do Evangelho de Cristo, despertando o espírito de participação e a corresponsabilidade dos batizados na obra missionária”.* É experiência ainda nova e, sobretudo, iluminadora assumir o compromisso de ser uma Igreja em estado permanente de missão, como nos pede o Papa Francisco. Isso significa ser uma Igreja em saída, na dinâmica da conversão pastoral, que alcance as periferias geográficas e existenciais com a luz do Evangelho de Cristo e que desperte o espírito de participação e corresponsabilidade dos batizados na obra missionária, com olhar atento, sobretudo, aos excluídos (idosos, doentes, pobres, migrantes etc.), superando toda estrutura de discriminação, preconceito e exclusão. Foi destacada a necessidade de e corresponsabilidade na ação evangelizadora, envolvendo os diversos sujeitos eclesiais.

A ideia da opção preferencial pelos jovens

10. Vemos uma geração de jovens que vem recuperando uma vida transparente, críticos a qualquer tipo de exclusão, conscientes do valor da natureza, com estilo de vida mais simples, onde o que vale são a sinceridade e o respeito pelo diferente.

Um Laicato maduro, consciente e livre

11. O clericalismo é um mal universal e chega ao ponto de adormecer a consciência do leigo acerca da sua importância e da sua missão na Igreja. Há um longo caminho a percorrer. Os novos ministérios e serviços instituídos na Igreja estão se tornando um espaço privilegiado do laicato. Os leigos são capazes, cheios de talentos e dispostos a contribuir sempre mais. Por isso, se faz necessário favorecer a participação deles, que podem e devem contribuir com as etapas de planejamento, na proposição e reflexão teológico-pastoral, e não só em sua execução prática.

Uma Igreja como casa ou tenda

12. A imagem bíblica da tenda cruza-se com outras que aparecem em muitos relatos: a da família e a da casa, como lugares aos quais as pessoas desejam pertencer e/ou regressar. Esta tenda, que se abre, mostra-se um espaço privilegiado de consulta e diálogo, onde todos podem participar e manifestar suas alegrias e tristezas, dores e esperanças, na qualidade de batizados e membros da sociedade. Nesse sentido, destacamos a menção recorrente à importância de acolher toda a diversidade de pessoas em suas realidades: idosos, jovens, divorciados/recasados, vulneráveis e deficientes físicos, população LGBTQIAP+, privados de liberdade, usuários de drogas, população de rua, violentados, portadores da AIDS, surdos etc. Também se destaca a necessidade de um maior investimento na cultura do diálogo ecumênico e interreligioso. A urgência se deve à configuração de ser Igreja necessária à atualidade: Igreja da proximidade (presença), da escuta (acolhimento) e de um agir mais humano e integral (espiritualidade e ação) aberta ao diálogo com o diferente e com as diferenças. O nosso continente é marcado por grande diversidade cultural, que se manifesta pela presença dos povos originais e pelas inúmeras imigrações, desde a colonização até aos imigrantes que vieram em busca de liberdade e trabalho. Essa diversidade encontra-se profundamente presente no seio das nossas comunidades, exigindo uma capacidade cada vez maior de acolhimento e abertura à participação de todos. Constatamos a necessidade de crescer na atitude de diálogo, escuta e na cultura do encontro, como Igreja aberta e acolhedora, capaz de ouvir e responder às diversas realidades, para propor o Evangelho de Cristo e assim continuar sua missão no mundo.

O cuidado com a casa comum

13. A sensibilidade ecológica, já que enfrentar os desafios socioambientais deixou de ser facultativo, também sobressaiu nesse processo. O despertar para o cuidado com a terra e com a produção sustentável, amparada pelo uso de tecnologias e aproveitamento de recursos renováveis, tem permitido uma espiritualidade integral e comprometida com a criação, bem como a defesa profética dos direitos dos povos, dos que produzem e da própria terra.

Formação

14. Há necessidade de se formar para a sinodalidade tanto os leigos quanto os clérigos, haja vista que, embora longa, a formação nos seminários está orientada a preparar o clero para um estilo de vida sacerdotal e, de modo geral, não consegue formá-lo para a animação pastoral. O sentimento de pertença à Igreja precisa ser reavivado, de modo a continuar a conscientização e a formação permanente de todos os batizados e batizadas. Desse modo,

no espírito da fé, é possível fomentar a responsabilidade e a corresponsabilidade de cada fiel na missão evangelizadora.

QUESTÃO 2:

Quais tensões ou divergências substanciais surgem como particularmente importantes na perspectiva do vosso continente?

Caminho sinodal

15. Uma tensão assinalada de forma recorrente se refere ao próprio itinerário sinodal. Várias sínteses indicam a existência de desconfianças acerca do Sínodo 2021-2024, presumindo que seu resultado já esteja definido ou que não haverá mudanças significativas no rumo da Igreja. De igual modo, faz-se referência aos limites das etapas percorridas, com a percepção de um processo limitado de escuta, especialmente das pessoas mais empobrecidas, de pouco envolvimento do clero e passividade dos leigos. Cita-se, igualmente, a fragilidade da formação do povo de Deus na compreensão da sinodalidade enquanto dimensão constitutiva do ser e do agir eclesial. Isso leva a uma visão confusa do processo sinodal, sob o risco de ser entendido mais como uma consulta democrática, em uma visão horizontalista que descontextualiza os diferentes serviços e ministérios eclesiais, especialmente na relação entre sinodalidade e colegialidade. Em relação ao objetivo e ao processo, ainda há pessoas e grupos que se perguntam sobre a finalidade do Sínodo e pouco se envolvem. Há um acento na escassez de atitudes e estruturas que garantam um estilo de Igreja sinodal.

Estruturas eclesiais

16. Percebe-se um forte eco de aspectos salientados no DEC, como a existência de estruturas eclesiais fundadas em um modelo de Igreja piramidal, autoritário e burocrático, gerador de um clericalismo estrutural e institucionalizado. A crítica ao clericalismo é contundente, tanto em relação ao clero, como por parte de leigos (leigos clericalizados). Há dificuldades para harmonizar a dimensão carismática e a dimensão institucional da Igreja. Essa realidade evidencia uma tensão entre a segurança e conveniência de uma pastoral da conservação *versus* o imperativo evangélico por uma Igreja em saída. O que está em jogo é uma visão eclesiológica em que um modelo de Igreja conciliar, assumido com empenho pelo pontificado do Papa Francisco, contrasta com a postura de grupos de cristãos tradicionalistas e/ou neoconservadores. Na vida eclesial, encontram-se resistências ao processo sinodal e às propostas evangelizadoras do atual Papa, bem como críticas ao Concílio Ecumênico Vaticano II. Permanecem obstáculos estruturais, entre os quais: estruturas hierárquicas que favorecem tendências autocráticas; uma cultura

clerical, por vezes, individualista, que isola as pessoas e fragmenta as relações entre sacerdotes e leigos.

Contexto sociopolítico, cultural e religioso

17. As tensões no campo político e social, especialmente ligadas a ideologizações e polarizações no âmbito da política e das relações, são evidenciadas como situações que afetam sobremaneira o cenário religioso e eclesial. As divergências oriundas dos contextos socioculturais em que a Igreja está inserida afeta diretamente a vida das comunidades, gerando conflitos entre grupos de diferentes visões. No continente latino-americano, essas tensões estão imbricadas no processo histórico e nos sistemas de governo. Evidenciam-se disparidades socioculturais e econômicas que privilegiam as pessoas mais ricas e instruídas. O contexto cultural e religioso carrega tensionamentos, evidenciando os conflitos presentes em torno do pluralismo cultural e religioso. Observa-se o crescimento de grupos cristãos marcados por uma experiência religiosa individualista e consumista. Esse aspecto evidencia o desafio de um urgente e salutar diálogo ecumênico e inter-religioso, que integre e reconcilie as diferenças entre credos e culturas.

Sujeitos eclesiais

18. Sintonizadas com os aspectos anteriores, as escutas falam das tensões entre clero e leigos, estes últimos, muitas vezes, considerados cristãos de segunda classe. Também percebemos a identificação da frágil consciência do clero de pertença intrínseca ao Povo de Deus. Observa-se um protagonismo sutil na participação dos leigos na vida da Igreja e a ausência do espaço acolhedor para as minorias, como casais de segunda união e em conjunturas diferenciadas de famílias, pessoas LGBTQIA+, comunidades tradicionais, indígenas, pessoas com deficiências e transtornos, entre outros. De modo muito especial, cita-se a presença (ou a ausência) das mulheres e das juventudes na vida da Igreja. Acerca das mulheres, faz-se referência aos obstáculos ainda existentes para o reconhecimento, a igualdade e a dignidade no âmbito eclesial da vida e da missão. Sobre os jovens, reconhece-se o desafio de um processo de evangelização que fale à vida e à experiência juvenil.

Evangelização e processos pastorais

19. Sobre esse ponto, as tensões remetem à falta de transparência nos processos decisórios e na prestação de contas, a processos pastorais pouco participativos, a estilos de liderança não ancorados no serviço, a uma consciência eclesial frágil e ao desafio da falta de vocações. Fala-se, igualmente, da existência de sinais de cansaço pastoral, com muitas

cobranças e poucos resultados. Além disso, muitas lideranças andam cansadas e envelhecidas, o que indica um ponto de atenção pastoral à dimensão da saúde mental/emocional da comunidade de fé. De outra parte, observam-se lideranças que vivem a fé sem vínculo eclesial. A experiência evangelizadora se tensiona a partir dos abalos provenientes das mudanças culturais, sobretudo no campo da família, colocando desafios para a condição eclesial das novas configurações familiares. Da mesma forma, permanecem as marcas deixadas pelos abusos cometidos na Igreja, com conturbação institucional e pastoral proveniente de escândalos e abusos sexuais cometidos por membros do clero. A distância entre teoria e prática, o distanciamento das periferias existenciais e geográficas, a grande dificuldade em conviver com formas diferentes de compreender a vida e a fé também marcam esse cenário.

Aspectos teológicos e litúrgicos

20. A atual conjuntura sociocultural coloca tensões de cunho teológico-pastorais vinculadas a questões como homossexualidade, castidade e celibato, questões de gênero, aborto, ecumenismo e diálogo inter-religioso. Sobre tais questões, se observam perspectivas diferentes entre o âmbito sociocultural de nosso tempo e as compreensões a partir da fé, bem como na reflexão ministerial da Igreja. A dimensão ministerial do ser cristão se coloca como um elemento diretamente envolvido nesse contexto.
21. Outro ponto de tensão é a dificuldade de compreender a linguagem da Igreja, com o desafio da inculturação litúrgica e do diálogo com a cultura e com a ciência. As contribuições diocesanas mencionam as resistências à renovação litúrgica conciliar, a existência de homilias mal preparadas, demasiadamente teóricas e acadêmicas, de espiritualidades de perfil intimista, com perdas para a vivência comunitária da fé e o desafio da integração da religiosidade popular.

Consequentemente, quais são as questões ou interrogações que deveriam ser enfrentadas e tomadas em consideração nas próximas fases do processo?”

22. Aguarda-se, ao final do processo sinodal, não apenas um documento, mas iluminações e propostas pastorais concretas. As próximas fases do processo já não podem ser mais de questões ou interrogações, mas de *respostas que levem a um processo de cura* das grandes doenças que afetam o mundo atual (exclusão social, abandono, solidão, falta de políticas públicas, concentração de renda, violência, abuso sexual, tráfico, questões de gênero, violência, entre outros). A grande pergunta é: quais são as propostas para a saída de uma Igreja piramidal, assumindo uma Igreja essencial e decididamente sinodal, expressão da eclesiologia de comunhão do Vaticano II? A questão do autoritarismo e

clericalismo na Igreja necessita ser enfrentada com sabedoria e coragem: como construir um processo de participação eclesial em que a vida da comunidade não dependa exclusivamente do padre? Que tipo de colegialidade está sendo promovida nas comunidades? Quais mecanismos de participação deveriam ser institucionalizados e como garantir que sejam instrumentos geradores de comunhão? Coloca-se a necessidade de transparência nos processos decisórios da Igreja e a necessária renovação das estruturas eclesiais, com indicação de fortalecimento das conferências episcopais regionais.

23. Como garantir uma formação personalizada e integral que contemple as dimensões intelectual, afetiva, psicológica, espiritual e administrativa? Verifica-se a urgência de um processo formativo amplo e integral (litúrgico, sacramental, pastoral, especialmente no campo da Doutrina Social da Igreja e para o ecumenismo, o diálogo inter-religioso e a inculturação da fé cristã), em perspectiva sinodal e para todos os sujeitos eclesiais, especialmente dos presbíteros e leigos. Faz-se mister uma séria e efetiva implementação do processo de Iniciação à Vida Cristã, recuperando a importância do Batismo. O apelo da formação dos cristãos e cristãs se volta igualmente para a inserção nos diferentes campos da sociedade, especialmente na política, levando em consideração os contextos de virtualidade e urbanidade da atualidade. Coloca-se a importância de integrar mais os religiosos e religiosas na missão eclesial, incluindo também os grupos que, por sua condição familiar, de gênero, canônica ou cultural, se encontram afastados da vida da Igreja. A vivência missionária, as questões de acesso e recepção dos sacramentos, a vida litúrgica da comunidade são temas que não podem ser descurados.
24. A comunidade cristã é chamada a estar atenta às situações contextuais do mundo de hoje e seus impactos na vida eclesial e social, com forte apelo para a presença da Igreja nas periferias – sejam elas existenciais, geográficas, sociológicas ou culturais. É necessária atenção à fragilidade da democracia na América Latina, ao desrespeito aos direitos dos povos originários e aos desafios socioambientais.
25. Por fim, como apelo categórico permanecem a atenção especial que precisa ser dada ao ministério laical com destaque à presença e ao ministério da mulher na Igreja e a evangelização das juventudes.

QUESTÃO 3

Olhando para aquilo que emerge das duas perguntas precedentes, quais são as prioridades, os temas recorrentes e os apelos à ação que podem ser partilhados com outras Igrejas locais no mundo e disc...

Espiritualidade eclesial centrada na pessoa de Jesus

26. Diante da realidade atual e de frequentes situações de instabilidade, é necessária coragem para testemunhar o Evangelho, fomentando uma mística que nos impulse, que nos faça voltar ao princípio, à experiência fundante da pessoa de Jesus Cristo, especialmente com o ardor testemunhado pelas primeiras comunidades. As dioceses brasileiras apontam como prioridade o despertar da consciência batismal que leve a uma vivência autêntica da fé, nas comunidades e na sociedade. O declínio do catolicismo, da consciência batismal e, conseqüentemente, do pertencimento à Igreja exige uma organização sistemática da pastoral que vise a adequados processos de transmissão da fé e de Iniciação à Vida Cristã.

Alargar a tenda

27. Também é urgente que a Igreja assuma a disposição a “alargar a tenda”, no espírito de acolhimento da pluralidade e da diversidade. Só assim será capaz de responder aos desafios dos novos tempos. A imagem bíblica citada pelo DEC, de Is 52,2, deixa muito claro o convite da sinodalidade: alargar a tenda também exige firmar bem as estacas. Portanto, uma Igreja acolhedora não precisa e não deve renunciar aos seus fundamentos, mas, sobre sua Tradição viva, firmar as bases de uma resposta autêntica ao nosso tempo. Com uma ação pastoral de aproximação, acolhida, escuta e acompanhamento, a Igreja deve alcançar os que vivem ou se sentem à margem e excluídos da comunidade eclesial. Deve ser prioridade a acolhida como aspecto da cultura do encontro, fazendo as pessoas se sentirem realmente partícipes, especialmente quando estão em situações desafiadoras, no campo emocional, físico ou moral. A hospitalidade em todos os níveis da Igreja é, também, condição para a missão.

Juventudes e laicato, com especial atenção às mulheres

28. Há quase unanimidade entre as dioceses brasileiras que deve crescer entre nós a valorização dos jovens e dos leigos, especialmente das mulheres. Em certo sentido, essa consciência está orientada à valorização e à escuta daqueles que participam e são fundamentais ao cotidiano eclesial mas transitam também nas outras esferas da sociedade. Juventudes e laicato, com especial atenção às mulheres, são um canal de

comunicação da Igreja com o mundo, com suas urgências e suas mazelas. O Evangelho precisa ser não somente apresentado, mas colocado em diálogo com as novas gerações. A inclusão e a escuta devem alcançar, porém, os espaços decisórios, para que se configurem efetivos e reais processos de escuta alargados a todos os membros das comunidades eclesiais, construindo colaboração e corresponsabilidade.

Formação para sinodalidade

29. É urgente também propor a construção de itinerários formativos permanentes para os clérigos, leigos e leigas, na perspectiva da sinodalidade. Tal formação será alternativa a muitas rupturas reconhecidas como marcas de nosso tempo: o clericalismo, a má relação com o poder e a liberdade, as dificuldades no testemunho do Evangelho, o individualismo e as divisões causadas por divergências ideológicas.
30. Na perspectiva da formação do clero, será importante trabalhar mais a dimensão humana e cristã para que possam relacionar-se e conviver melhor com o povo, não só nos seminários, como na formação continuada. Com relação às lideranças, será urgente formar para um modelo mais colegial, onde as decisões não sejam tomadas por um indivíduo apenas, mas por todos os membros, inspirados pelo modelo das primeiras comunidades cristãs.

Estruturas de comunhão e participação

31. Considera-se fundamental a implementação de organismos/estruturas/instâncias de escuta, que operacionalizem a espiritualidade sinodal. Isso será alcançado com aperfeiçoamento dos organismos eclesiais de participação e com sua efetividade na governança institucional. Sugere-se apoiar a presença dos leigos e leigas, consagrados e consagradas, em funções estratégicas na administração institucional e fomentar, em todos os níveis, o exercício da liderança pautado pelos princípios da sinodalidade (comunhão, participação, transparência, entre outros).

Diálogo com a sociedade, ecumenismo e diálogo inter-religioso

32. É tarefa da Igreja dialogar com a sociedade, com as outras igrejas cristãs e com as outras religiões. É necessária, portanto, uma formação para o diálogo e a integração, que coloque em evidência os objetivos comuns em favor de um mundo melhor, mais justo e fraterno. As expressões das contribuições diocesanas põem em relevo o testemunho da caridade como uma forma autêntica e assertiva pela qual a Igreja consegue se posicionar e ser ouvida nas diferentes esferas da sociedade. Por outro lado, há o reconhecimento de

que as iniciativas dialogais com outras expressões religiosas são ainda muito tímidas e pontuais e precisam avançar, em todos os níveis eclesiais.

Igreja missionária a serviço da caridade

33. Os esforços da Igreja na direção da caridade e da promoção de uma ecologia integral são vistos como um autêntico testemunho de fidelidade ao Evangelho e também de resposta ao nosso tempo. Tais esforços são expressão da sabedoria com a qual o Espírito direciona a ação evangelizadora da Igreja a responder às necessidades mais individuais, cuidar da Casa Comum e, também assim, convidar ao seguimento de Jesus Cristo. Em tempos de divergências ideológicas, indiferenças, individualismos e ameaças aos pobres, aos povos originários e à Casa Comum, é preciso valorizar e incentivar o trabalho concreto da Igreja, especialmente em suas pastorais sociais e em suas ações de defesa de uma ecologia integral.

Comunicação e mundo digital

34. Encontrar uma linguagem para dialogar com novos ambientes e as novas gerações é uma tarefa do nosso tempo. A questão da comunicação também aparece como inadiável para enfrentar o desafio de anunciar o Evangelho dentro de contextos culturais específicos e de mudanças sociais profundas e velozes. Os meios de comunicação social da Igreja precisam estar, de fato, a serviço da dignidade da vida humana, da busca do bem comum, da promoção de uma sociedade justa e fraterna e empenhados no cuidado da nossa casa comum.

Superação da ideologização da fé

35. Muitas sínteses lembraram o problema que a Igreja vem enfrentando nos últimos anos, especialmente no Brasil, como fruto de processos de ideologização da fé. Muitos apontaram, inclusive, as divergências entre algumas práticas e a Doutrina Social da Igreja. Esse precisa ser um aspecto refletido e levado em conta na partilha da realidade brasileira com as realidade de outras Igrejas pelo mundo, porque constitui uma ameaça à sinodalidade e à unidade, enquanto também se configura em um campo de formação para a vivência comunitária, uma vez que cada fiel é convidado a viver a comunhão com os que pensam diferente, atendendo ao convite de fidelidade ao Evangelho e à Igreja.

Conversão pastoral e evangelização

36. A maior parte das sínteses indica como prioridade a valorização da Igreja ministerial (Cf. DAp. 99 c) esse assunto deve perpassar a formação inicial e permanente dos presbíteros. É importante reconhecer o protagonismo laical na Igreja para vencer o clericalismo e os

excessos burocráticos. É preciso *aggiornar* a nossa ação evangelizadora e missionária, a partir da conversão das estruturas e dos processos. Exige urgente reflexão o fenômeno das múltiplas expressões eclesiais (movimentos, associações, novas comunidades, Cebs etc) para aceitá-las na catolicidade da Igreja, evitando com isso ferir a comunhão e a unidade eclesial.

